

Transgressão dá o tom da reunião para definir uma cartilha cultural

As reuniões que estão sendo realizadas todas as manhãs, no prédio da Fundação Cultural do Distrito Federal, convocadas pelo secretário Fernando Lemos, da Cultura, para que sejam traçadas as prioridades e as diretrizes do plano de ação cultural do GDF, mostram polaridades curiosas. Enquanto um dos participantes das reuniões, o poeta e jornalista Reynaldo Jardim, abriu, ontem sua falação alegando que “a arte nasce da transgressão e da insubordinação e que não pode ser castrada pelo Estado”, na crença certa de que “quando o artista não tem contra quem se revelar, ela passa a fazer sonetos parnasianos”, a diretora da Fundação Cultural, Maria Luiza Dornas, quer, como ela mesma disse, “o pão-pão, queijo-queijo”.

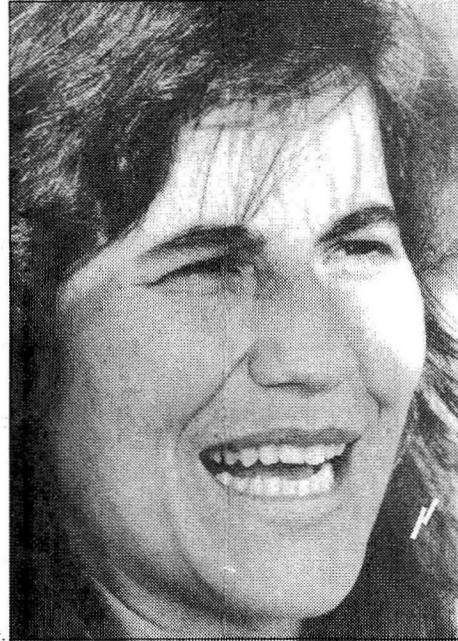
Por isto mesmo é que ela deixou claro: “A máquina precisa continuar andando e temos que ter um plano de ação claro, com nossos objetivos e uma cartilha de orientação para a



José Carlos Capinam

Fundação Cultural”. Portanto, por mais que Reynaldo Jardim queira salientar a transgressão e a necessidade que todo artista tem de pensar e criar, como um rebelde diante do Estado, a diretora Maria Luiza Dornas quer o documento que permita a ela ter um rumo para suas ações vindouras. Sem impasse, com cordialidade, ela também lembrou: “É bom conversar porque enriquece”.

E enriquecedoras estas reuniões podem ser mesmo. Com a participação de outros nomes, como o do poeta Capinam (que, a pro-



Maria Luiza Dornas

pósito, foi secretário de Cultura do estado da Bahia entre 1976 e 1979) e do artista Rogério Duarte, os encontros pretendem dar uma cara à Secretaria de Cultura e à Fundação Cultural, para que tantos os funcionários que trabalham nas duas casas quanto os artistas e produtoras que delas precisam para seus trabalhos saibam em que terreno estão pisando. A partir do último documento lançado pelo Conselho de Cultura do Distrito Federal, no ano passado, este grupo quer estabelecer princípios básicos de ação, dar apoio à produção cultural brasiliense, criar meios para a



Reynaldo Jardim

formação e para a informação, fazer estudos e pesquisas e tratar de divulgar as artes locais. Isto na crença de que, como disse o próprio Reynaldo Jardim, “se os meios forem criados, as coisas surgem”.

Portanto, a acreditar na objetividade destas reuniões, a coisa pode surgir. O jornalista Geraldinho Vieira, que também foi convidado pelo secretário Fernando Lemos a integrar o grupo, chega a ressaltar alguns pontos interessantes. Por exemplo: “Temos que pensar”, diz ele, “na pluralidade de manifesta-

ções e expressão para que o Governo não se dedique a um só seguimento”. É fácil de entender a preocupação. Afinal, o GDF tem uma menina dos olhos que é o Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal e corre-se o risco de que toda a atenção oficial vá justamente para lá. A tal da “pluralidade” pode evitar estes acidentes. Geraldinho Vieira também acredita que é necessário dar apoio à experimentação — e isto significa que Brasília pode ver surgirem, finalmente, as oficinas e os cursos que dêem instrumentos aos artistas para que sigam seus trabalhos.

Capinam vê a coisa com bons olhos. Segundo o que ele mesmo disse, “cabe a nós o papel de buscar compromissos do Governo, porque não podemos manter uma posição refratária como se o Estado fosse um monstro inimigo”. Mas lembra que “o Estado não pode ser castrador”. De fato, não pode. Mas como “a máquina tem que andar”, como disse a diretora da FCDF, ficou decidido que as reuniões terão menos digressões e mais objetividade. Amanhã, um documento deverá estar pronto para que, na terça-feira da próxima semana, todos possam se sentar e analisá-lo. A classe artística da capital da República aguarda.

■ **Alexandre Ribondi**